

Mistério da Cruz, compaixão e humildade heróica numa carta do P.e Américo

Benilde

Maio de 1925

Nos momentos mais difíceis desta minha vida, gosto de sentir sôbre os ombros o peso das mãos do Senhor e tenho observado que, suportando assim a carga com muita paciência e inteira conformidade com a Sua vontade, em breve sinto converter-se em suave alegria o que ainda há pouco era dor. O mundo não entende como nós podemos ser grandes e felizes no meio das mais severas amarguras, ele que passa todo o tempo a fugir a elas!

Evidentemente que não podemos ser insensíveis às marteladas da dor quando cerrámos os olhos da vida aos que nos eram caros, mas o Espírito do Senhor que habita dentro de nós, infiltra nas nossas almas um subtil bálsamo de singular resignação que nos faz ver uma réstea de luz e nos ensina a repousar tranquilos no seio da Sua própria vontade.

Acabaste de cumprir a tua santa missão que te há-de ser paga com a misericórdia do Senhor porque por amor dEle trabalhaste. Acompanhaste a longa agonia da tua Mãe em espírito de muita compaixão; por isso, sofrendo com os que sofrem, cumpriste um preceito da nossa doutrina. Bemaventurados os que choram quando as lágrimas são geradas na vontade de Deus! Eles serão consolados.

Tens agora uma boa ocasião de distribuires as esmolas, pedindo aos Pobres que apliquem orações pela alma da tua Mãe.

E nada mais se me oferece dizer-te nesta ocasião senão recomendar-te que te lembres que também a nossa vida está nas mãos de Deus, O qual, mais hoje mais amanhã, no-la vem tomar, importando por isso pôr todo o nosso cuidado em saber como, e não quando, havemos

de morrer. Passados pois estes dias de natural agitação, com muita prudência e serenidade segue os passos da tua vida futura, guiada pelas mãos de Quem te dirige. E ora sempre muito a Deus por ti e por mim para não vimos a desfalecer no caminho do Céu, o qual, como sabes, é difícil de pisar.

Sobre a questão de Missas, eu achava que era melhor procurares no Porto em padres teus conhecidos porque aqui os frades estão cheios de encargos e se os tomassem seriam para dizer não se sabe quando.

Saudades para todos do teu primo muito dedicado,
Américo

P. S. A tua amiga Terezinha do Menino Jesus está nos altares! Lembras-te daquela passagem que ela conta, de ser repreendida pela Mestra de Noviças, por ter partido uma bilha que afinal não tinha partido?! «E eu ajoelhei, beijei o chão, e prometi ser mais cuidadosa para o futuro» — disse ela!!! Se um dia chegares a ser noviça, terás ocasião de compreender que só um Santo é capaz de fazer isto!

Em Maio de 1925, o Américo estava prestes a ver interrompida a sua caminhada para o sacerdócio começada no Convento Franciscano de Vilarinho de Ramalhosa e pressentia já «sobre os ombros o peso das mãos do Senhor». Estado propício a bem compreender e comungar a dor de sua prima, recentemente ferida pela morte da mãe, a qual o próprio Américo tratava por «Mamã»!

Ainda não haviam decorrido dois anos sobre a «martelada» final que o conduzira a Vilarinho nem até então se ocupara em estudos teológicos. Eram dele, talvez bebidos inicialmente no leite materno e amadurecidos sobretudo nos dez anos de «crise religiosa» que medeiam entre Janeiro de 1914 e Outubro de 1923, este pendor para a Cruz, a sua segurança na «Comunhão dos Santos», o seu deslumbramento perante a Humildade heróica que desta carta se inferem.

É belo ver como Deus prepara os Seus Instrumentos, sem pressa, mediante a experiência da contradição, ensinando-os a colher «suave alegria» das «mais severas amarguras»! O Américo vinha do mundo que foge a elas; também procurou fugir-lhes; mas o Senhor convenceu-o de que só «a inteira conformidade com a Sua vontade» é terreno firme onde se pode construir para a Eternidade, só ela é húmus que faz germinar a Vida da morte, a Felicidade daquilo que o mundo tem por desventura.

É o Mistério da Cruz. Sem Ela não há Redenção. Sem acolhimento à letra do convite de Jesus: «Se queres vir após Mim...», todo o caminho se reduz a beco sem saída. Tudo acaba nos limites do Tempo e do mundo. É sufocada a aspiração de transcendência própria da alma racional. Fica castrada a alma. Pelo contrário, quem alimenta a sua vida da seiva da Cruz, esse é fecundo, torna-se «garfo» para enxerto de bravios, de tanto maior qualidade quanto mais intensamente vive da seiva da Cruz.

Eis uma certeza que já desde aquele tempo encheu o Américo e explica o Padre Américo. Também é dele (como de tantos outros da História da Salvação) o grito Paulino do «eu não sei mais nada senão Cristo e Cristo crucificado».

A linguagem desta carta insinua como o Senhor chamou a Si o mestrado deste noviço que aprende mais da intimidade com Ele do que dos livros ou dos exercícios tradicionais. Por isso um progressivo achamento de sabor a «pedra filosofal»: a transmutação do sofrimento em Paz mediante «um subtil bálsamo de singular resignação» que «o Espírito do Senhor infiltra em nossas almas e nos faz ver uma réstea de luz e nos ensina a repousar tranquilos no seio da Sua própria Vontade».

Sempre a sintonia com a vontade de Deus, a causa e a garantia da Paz, daquela «suave alegria» em que se converte «o que ainda há pouco era dor».

Mas esta experiência de Deus não a realiza o Américo em exclusividade. Ele apreende-a no Corpo e pelo Corpo de Cristo a que pertence, da «Comunhão dos Santos». Ele sabe que não está só e que aproveita da riqueza acumulada por tantas almas de Deus no tempo passado e no presente. E sabe também que o que autentica a paixão é a compaixão: primeiro, a paixão por Cristo e com Cristo, que é a Fonte; depois, a paixão partilhada com quantos a sofrem e a assumem.

«A compaixão é um preceito da nossa doutrina» — escreve-o ele. A que ponto haveria o Padre Américo de obrigar-se a viver este «preceito da nossa doutrina», não só «sofrendo com os que sofrem», mas estimulando muitos a fazê-lo; e contando com esta acção espiritual como a grande força que o assistia e ajudava a perseverar.

A grande mobilização de consciências que ele fez não lhe trouxe apenas o *Quê* com que realizou a Obra que Deus lhe ia

ditando, mas sobretudo o *como*, que é a nossa grande riqueza: uma imensa comunhão de almas.

O Américo acreditava firmemente no poder da oração e do sacrifício como mantenedores de uma saudável circulação da Graça, verdadeira causa do caudal inextinguível de bem-fazer, porque só esta circulação é da Espécie da Caridade.

«Ora sempre muito a Deus por ti e por mim para não virmos a desfalecer no caminho do Céu, o qual, como sabes, é difícil de pisar» — recomenda ele a sua prima. E em outra carta a Benilde, insiste: «Se queres trabalhar a par de mim; se queres ganhar almas, muitas almas, muitas almas..., todas — cautela!: Prepara-te.

É preciso muita coragem e muita generosidade, a generosidade do Evangelho, do nosso Mestre. Custa muito, muito, muito, trabalhar as almas; e a grande verdade, apesar de tudo, é que nós só somos justos procurando justificar os outros. Ninguém se salva só».

E mais adiante: Sim, eu necessito muito, muitíssimo, de quem me ajude. Eu necessito muito de ter apóstolos escondidos atrás de mim para que o meu apostolado floresça. Queres ser minha irmã n'estas circunstâncias? Sim...? Então aceito». (Carta do Seminário de Coimbra, Abril de 1928).

Muitos anos mais tarde, diante das razões de saúde que levaram um dos seus companheiros na Obra a sair, Padre Américo procurou retê-lo com esta razão: Nós temos tanta necessidade de um padre da Capela, na Capela! Serias tu...!»

Este segurar a sua fragilidade, as suas limitações, na «Comunhão dos Santos» é um sintoma da sua Humildade, «sem a Qual, nada!», como ele escreveria, à maneira de fundamento e de síntese, no seu testamento espiritual.

Daí o seu deslumbramento pela Humildade, o seu impulso para também ajoelhar e beijar o chão, diante de quem o fez, que, para o fazer, tem de ser santo. É o que depreendo da evocação do post-scriptum: de Teresinha do Menino Jesus que acabara de ser canonizada e a quem ele estava profundamente unido no «pequeno caminho» que também era seu.

CARLOS GALAMBA
Padre da obra da Rua

A Delinquência Juvenil

Abordagem sociológica de um conceito

«Multiplicam-se teorias e opiniões quando se chega ao capítulo da delinquência juvenil. Cada um diz de sua maneira e todos usam o mesmo método: estudam, classificam e afastam. Assim se faz com os micróbios».

P. Américo

«Ninguém se pode reconhecer, aceitar ou reconciliar consigo mesmo e com as diversas personagens que o habitam senão na medida em que consegue estar de acordo com os outros e ser reconhecido por eles.

Para ele como para cada um de nós, trata-se de descobrir quem ele é, qual é a sua identidade, qual o seu lugar neste mundo, qual é o seu papel e o seu estatuto.

É preciso, portanto, encontrar a sua própria identidade, quer seja graças ao... outro, quer seja a despeito ou contra os outros. Em suma, a alternativa é a seguinte: ser reconhecido ou ser rejeitado — com a sua contrapartida inelutável: reconhecer ou rejeitar».

J. Breuvert — A. Algan

INTRODUÇÃO

O presente texto insere-se num trabalho um pouco mais alargado sobre a questão da delinquência juvenil apresentado noutra lugar¹.

¹ Trata-se de uma síntese breve de um trabalho nosso realizado no âmbito da licenciatura em Sociologia, na Universidade de Nanterre-Paris X sob o título: *Mineurs de Justice portugais à Lisbonne et à Paris — éléments pour une étude comparative*. (1985, 106 pp.).